

lágrimas a lhe deslizarem copiosas do rosto e perguntar a esmo, fixando o céu tranqüilo do crepúsculo:

— Senhor, onde estará pulsando o coração de teus aprendizes?!

Em seguida, silencioso e taciturno, o velho pescador pôs-se de novo, a caminho, na direção do mar...

---

Cap. XVII

## Explicações

---

**N**ão, meu amigo. Quando me desvencilhei do corpo físico, há quase vinte anos, o título de “espírita” não me classificava as convicções.

Como acontece a muita gente boa,creditava mais no que via com os meus olhos e tateava com as minhas mãos.

Lia o Evangelho de Jesus e compulsava as impressões de vários experimentadores da sobrevivência, entretanto, sem objetivos sérios de estudo e sim na extravagância das gra-

lhas da inteligência que vão à lavoura do espirito, gritando inutilmente ou bicando aqui e ali para pertubar o crescimento das plantas e prejudicar-lhes a produção.

—o—

Era um homem demasiadamente ocupado com a Terra para devotar-me às revelações do Céu.

Meus pensamentos jaziam tão vigorosamente encarnados nas preocupações mundanas, que nem a força hércolea da enfermidade conseguia deslocar-me para as visões íntimas da Vida Superior.

Ilhado na fortaleza de minha pretensa superioridade intelectual, ria ou chorava nas letras, acreditando, porém, que a fé seriaapanágio das criaturas ignorantes e simples, indigna dos cérebros mergulhados em maiores cogitações.

—o—

Situava-me entre a dúvida e a ironia, quando a Morte, na condição de meirinho da Justiça Divina, me intimou a comparecer no tribunal da realidade, mais cedo que eu supunha, e somente então comecei a interes-

sar-me pelo gigantesco esforço dos homens de boa vontade que, nos mais diversos climas do Planeta, se dedicam hoje à solução dos enigmas inquietantes do destino e do ser.

—o—

O túmulo não é apenas a porta de cinza. Morrer não é terminar.

E, banhado ao clarão da verdade, por mercê de Deus, incorporei-me à imensa caravana dos que despertam e trabalham na recuperação de si mesmos.

Não estranhe, pois, se continuo em minha fainha de escritor humilde, tentando nortear as minhas faculdades no rumo do bem.

É o que posso fazer, porquanto não disponho de especialização adequada para outro mister.

—o—

Você pergunta porque me devoto presentemente ao Espiritismo com Jesus, quando fui intérprete da literatura fescenina, lançando vários livros picantes, e político apaixonado na corrente partidária a que me filiei, como defensor dos interesses de minha terra.

Creia que, realmente, errei muito.

Mas sempre consegui equilibrar-me na corda bamba das convenções terrestres e, muita vez, caí escandalosamente em pleno espetáculo, à frente daqueles que me aplaudiam ou me apupavam.

Entretanto, a morte constrangeu-me ao reajuste preciso.

Acordei para um dia novo e procuro comunicar-me com os que ainda se encontram nas sombras da noite.

—O—

Admito que poderia fazer cousa pior.

Se me deixasse vencer pela tentação, efetivamente integraria a vasta fileira dos espíritos obstinados na perversidade que lhes é própria, cavalgando os ombros de meus desafetos.

Algo, porém, amadureceu dentro de mim.

Aquilo que me causava prazer impele-me agora à repugnância.

A experiência mostrou-me a parte inútil de minha vida e, por acréscimo de bondade do Senhor, voltei ao campo de minha própria sementeira, não mais para deslustrar o servi-

ço da natureza, mas para colaborar com o bem, a favor de mim próprio.

—O—

É por essa razão que ainda estou escrevendo...

Convença-se, contudo, de que não posso mais no vaso do coração a tinta escura do sarcasmo e esteja certo de que me sinto excessivamente distante de qualquer milagre da sublimação.

Sou apenas um homem... desencarnado com o sadio propósito de regenerar-me.

Depreenderá você, portanto, desta confissão que, em hipótese alguma, poderia inculcar-me na posição de guia espiritual dos meus semelhantes.

A sepultura não converte a carne que ela engole, voraz, em manto de santidade.

Somos depois da morte o que fomos e muita gente, que anda por aí mascarada, aqui encontra recursos para ser mais cruel.

Quanto a mim, rendo graças a Deus por achar-me na condição de pecador arrependido, esmurrando o próprio peito e clamando “mea culpa, mea culpa...”

Nosso orientador real é o Cristo, Nosso Senhor.

Sem Ele, sem a nossa aplicação aos Seus ensinos e exemplos, respiraremos invariavelmente na antiga cegueira que nos arroja aos fundos espinheiros do fosso.

Procuremo-Lo, pois, e auxiliemo-nos uns aos outros e você, que com tanta generosidade se interessa pela minha renovação, não se esqueça das oito letras de luz que brilham sobre o seu nome. Ser "espírita" é continuar com Jesus o apostolado da redenção e que você prossiga com o Mestre, amando e servindo, no constante incentivo ao bem, é tudo de mais nobre que lhe posso desejar.

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião do mês de setembro de 1954)

---

Cap. XVIII

## A receita oportuna

Anacleto, o alegre orientador de uma reunião evangélica, recebeu a visita da Dona Clotilde Serra, que se banhava nas irradiações da fé, plenamente rejuvenescida em seus ideais novos e, ouvindo-lhe a palavra amiga, quanto à provável admissão dela nos serviços do bem, aconselhou, bondoso:

— Irmã Clotilde, comece a tarefa nas obras simples da oração. Encontrará precioso acesso à luz espiritual. Abrindo nossas almas às correntes sublimes que dimanam da